



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

OS CONTOS DE FADAS: A LEITURA E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO INFANTIL¹

Maria Elizabete Souza Couto²
Universidade Estadual do Santa Cruz/UESC

Gleisy Vieira Campos³
Universidade Estadual do Sudeste da Bahia/UESB

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar como a leitura dos contos de fadas contribui na construção do imaginário infantil, independente da sua condição e classe social (sexo, cor, religião, posição social, beleza - homem/mulher - etc), enfatizando a múltipla funcionalidade desse gênero literário (leitura dos contos enquanto obra literária e didático pedagógico). O trabalho teve um caráter qualitativo e foi realizada em uma creche na cidade de Itabuna. Trabalhamos durante dois meses com crianças de 5 e 6 anos. Inicialmente entrevistamos as crianças para saber quais os contos de fadas que mais gostavam. Realizamos o trabalho com os contos: A Branca de Neve e os Sete Anãos, Cinderela e Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mal. A leitura foi realizada a partir de seguintes passos: leitura, reconto, dramatização montagem de cartaz com imagens, registro fotográfico, colagem etc. A diversidade de possibilidade para trabalhar a leitura dos contos indicou como as crianças vêm construindo o imaginário social em relação a questões referentes a posição social – raça, beleza, papel da mulher e do homem na sociedade. Nesses momentos vivenciamos situações para além da sala de aula. A vida das crianças estava presente e refletida nas ações e discussões, escolhas e conflitos, colocando em jogo não só o mundo a ser interiorizado, mas o seu lugar no mundo, o lugar de seu grupo social e, sobretudo a sua existência, relação com o outro e a identidade como um processo contínuo e dinâmico que será construído no decorrer da vida, permeando as dimensões cognitivas, sociais, afetivas, identitárias, culturais, religiosas etc..

Palavras-chave: leitura, contos de fadas, imaginário infantil

¹ Este trabalho é parte da Monografia de especialização no curso 'Educação e Relação Étnico-Racial' intitulada 'Entre bruxas, príncipes e princesas: os contos de fadas e a construção de uma identidade étnico-racial', realizado na Universidade Estadual de Santa Cruz.

² Professora do Departamento de Ciências da Educação na UESC

³ Especialista em educação Infantil e educação e relação Étnico-Racial. Professora substituta na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB- campus de Itapetinga.

Introdução

Histórias e contos que começam com princesas maltratadas e príncipes solitários terminam com casais felizes e fazem parte do universo das histórias/contos de fadas. De geração em geração tais leituras, como a Branca de Neve, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, entre outras, fazem-se presentes em nossa memória e nos fazem recordar os momentos em que viajamos no fantástico e maravilhoso mundo da imaginação.

A leitura dos contos de fadas age como uma ponte entre o imaginário e o real, apresentando o dinamismo das diferentes culturas e representam a estrutura da realidade social. Um espaço de significações, aberto às emoções, ao sonho e à imaginação, funcionando como caminho para que a criança pense a sua condição social, seu pertencimento, fazendo emergir conflitos e valores que, de outra maneira, talvez não fosse possível expressá-los e representá-los.

As crianças demonstram interesse por este tipo de leitura porque, de alguma forma, apresenta soluções para seus medos, dúvidas e angústias. Medo de ser abandonado pelos pais, de ficar em lugares escuros, de bichos, de não ser aceita e tantos outros. Em contato com essas leituras a criança projeta seu mundo nos personagens e estes atuam de modo a colaborar na resolução desses sentimentos e conflitos.

Como exemplo, é frequente ouvir casos como os que vamos descrever. Primeiro, é o caso de Bia, uma menina de seis anos que, de tanto ouvir a história de Cinderela, se projeta na personagem Cinderela e apresenta o desejo de ter os cabelos louros, grandes e lisos e solicita diariamente de sua mãe que pinte seus cabelos e os escove. Segundo, o caso de Rafael, menino de três anos, que sempre associa uma pessoa com os cabelos *rastafare* a figura do lobo mal. A partir dessas situações que alimentam o desejo de adentrar por um mundo simbólico e fascinante dos contos de fadas, tentamos compreender como as crianças constroem o sentido de cada conto com o qual se relaciona? Quais as contribuições dos contos de fadas na construção do imaginário infantil? Como a leitura dos contos de fadas favorece na construção de um novo imaginário? Como será que as crianças de diferentes classes sociais se vêem refletidas nos contos de fadas?

Questões que nos instigaram a realização de um trabalho com o objetivo de analisar como a leitura dos contos de fadas atua no imaginário infantil, influenciando nos seus pensamentos e, conseqüentemente, na construção de sua identidade social.

Neste trabalho discutiremos a importância das referidas leituras e como contribuem na construção de um imaginário infantil, independente da sua condição e classe social (sexo, cor, religião, posição social, beleza etc), enfatizando a múltipla funcionalidade desse gênero literário (literatura e leitura didático pedagógico) no cotidiano e no imaginário infantil.

Entre a leitura dos contos de fadas e o imaginário infantil

Para Jolibert, ler é “atribuir diretamente um sentido a algo escrito; [...] é questionar algo escrito como tal a partir de uma expectativa real (necessidade-prazer) numa verdadeira situação de vida” (1994, p. 15), ou seja, é representar/pensar sobre o que leu ou ouviu alguém lendo, o que varia de um leitor para outro. Para trabalhar com crianças não é necessário um manual de leitura, nem tão pouco a clássica aula de leitura no início da aula. A leitura precisa estar presente a todo o momento em sala de aula e na vida das crianças. A vida está cheia de oportunidades de leitura. Assim a leitura faz-se presente para: “responder à necessidade de viver com os outros [...]; comunicar com o

exterior; descobrir as informações das quais se necessita; fazer (brincar, construir, levar a termo um projeto-empreendimento); alimentar e estimular o imaginário⁴ etc;” (id. p. 31). No nosso trabalho, a leitura de histórias/contos de fadas contribuiu para nutrir e estimular o imaginário infantil no que se refere a condição social (classe social, mulher, raça, posição social, beleza etc) das crianças, bem como foi o exercício de uma prática que estava sendo revelada a “leitura do mundo e a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 29), de forma dinâmica e contextualizada.

Segundo Freire (1989) o comando da leitura e a escrita se dá a partir de palavras e temas significativos para os sujeitos e não palavras, temas, contos/histórias que estão ligadas e são representativos para o professor. Não é uma leitura mecânica, memorizada, para prestar conta na hora da aula de leitura.

A leitura de uma obra literária, neste caso os contos de fadas, indica a realidade com uma roupagem nova e criativa, dando espaço ao leitor, adulto e criança, para entrar na sua trama e descobrir o que está nas entrelinhas do texto. É preciso considerar o que essa leitura possui que envolve o fantástico, o mágico, o maravilhoso e o poético (Oliveira, 1998).

A leitura dos contos de fadas é, portanto, um espaço não apenas de representação neutras, mas de enredos e lógicas, em que ao me representar eu me crio e ao me criar eu me represento. Tais contos, enquanto material de leitura na escola, adquire formato singular e complementar à atividade pedagógica pela sua especificidade de alimentar e estimular o imaginário, transportando o mundo real ao imaginário e vice-versa. Nesse sentido, quando uma criança tem contato com a literatura infantil terá compreensão “maior de si e do outro; oportunidade de desenvolver o seu potencial criativo e de alargar seus horizontes da cultura e do conhecimento; terá ainda uma visão melhor do mundo e da realidade que a cerca” (OLIVEIRA, 1998, p. 78).

Enquanto gênero literário é reconhecido como texto capaz de auxiliar a formação e o desenvolvimento emocional, intelectual e social das pessoas.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHEIM, 1992, p. 20).

Mas, a história da literatura infantil (com suas histórias e contos) tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se dos mais velhos e receber uma educação diferenciada, que a preparasse para a vida adulta. Atualmente, temos os estudos sobre a História Social da Infância que contribui para a compreensão desse universo imerso de sonhos, fantasia, desejos, descobertas, medos, angústias, condições sociais etc.

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mais

⁴ Grifo nosso.

igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança, manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão (ZILBERMAN, 1978, p. 15).

Assim, a edição dos contos de fadas, tal como o conhecemos hoje, surge na França, fim do século XVII, sob iniciativa de Charles Perrault (1628-1703). Ele não criou as narrativas dos contos, mas as editou para que estas se adequassem às audiências da corte do rei Luís XIV (1638-1715). Tais contos foram organizados como narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, governantas e serventes. Apesar do distanciamento da camada popular e do desprezo pela sua cultura, a nobreza conhecia tais contos/histórias por meio do inevitável contato com o comércio ou pela presença das governantas e outros serviçais em suas residências.

Falar sobre os contos de fadas é, hoje, quase o mesmo que falar em literatura para as crianças. Mas, não foi sempre assim. Por volta dos séculos XVII e XVIII foi considerada como conteúdos violentos e impróprios. Havia correntes de intelectuais que defendiam a ideia de que os contos de fadas prejudicavam a educação das crianças.

Entretanto, um ponto significativo que serve de ligação das crianças com os contos de fadas é a **exemplaridade**. Nas referidas histórias havia a intenção de transmitir determinados valores ou padrões sociais a ser respeitados pela comunidade. Por esta razão, até hoje se vê o conto de fada mais como material pedagógico do que como uma arte literária. Entre os valores transmitidos está a noção de **pertencimento social** – sentimento de adesão a princípios e visões de mundo comuns, que faz com que as pessoas sintam-se participantes de um espaço/tempo, ocupando o seu lugar de destaque na sociedade.

A leitura de uma obra literária (contos de fadas) permite relacionar fantasia e realidade. Assim, Vygotsky (1982), sintetiza em quatro formas básicas essa vinculação:

- 1) Toda elucubração se compõe sempre de elementos tomados da realidade, extraídos da experiência anterior do homem;
- 2) A fantasia é o elemento ordenador da realidade; seu produto pode ser irreal ou real;
- 3) A lei da representação emocional da realidade: a emoção une e combina representações divergentes da realidade. Diferentes formas de imaginação criadora encerram elementos afetivos e desencadeiam sentimentos reais vividos pelo homem que o experimento;
- 4) O resultado da fantasia pode ser algo novo e interessante.

Dá a importância de criar situações, condições e oportunidades para que as crianças tenham espaço para ampliar suas experiências pessoais, enriquecendo-as e repensando-as por meio da literatura infantil. Quanto maior for a experiência, a vivência, tanto maior será a bagagem cultural e social de que dispõe a imaginação.

A infância e os contos de fadas

A infância é um período de muitas descobertas, construções e reconstruções. Atualmente, exigimos muito das crianças/infantes em função do mundo em que vivemos, desde as boas notas na escola a serem boazinhas e obedientes, estudar inglês, praticar esportes e, em diversos casos, trabalhar e ser eficientes naquilo que fazem, assumindo responsabilidades.

Dessa forma, os contos de fadas oferecem à criança uma referência para elaborar os elementos que habitam seu imaginário, como os medos, desejos, amores e ódios. Esse aprendizado é captado pela criança de uma forma intuitiva - por estar carregado de

simbolismo – tornando-se mais abrangente do que seria possível se fosse feito pela compreensão meramente mecânica.

Como afirma Araújo “o imaginário não é apenas um termo de designar um conglomerado de imagens, mas remete para uma esfera psíquica e social onde as imagens adquirem formas e sentido devido a sua natureza simbólica” (2006, p.16). Assim, os contos de fadas apresentam um caráter plurifuncional e age no imaginário infantil exercendo influência na vida das crianças, seja pelos seus significantes linguísticos, seja pelas possibilidades interpretativas e identificatórias possíveis nas suas obras.

Com explica Aguiar (citado por Abramovich, 1989), os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (estado de penúria, carência afetiva etc) que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções no plano da fantasia, com introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões etc.). A restauração acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real.

As personagens possuem características marcantes na estrutura dos contos de fadas.

Em geral, são poucas e apresentam grande unidade; às vezes crianças, outras jovens em idade de casar. Podem proceder de uma cabana muito pobre ou de um faustoso palácio encantado. Sua origem, as características que as distinguem, o modo como atuam são sempre extremamente exageradas. Ou são excessivamente boas e medrosas, belas ou tragicamente feias, perversas ou covardes, ou valentes e nobres; ou são anõezinhos, ou gigantes, bruxas ou princesas, reis disfarçados de mendigos ou mendigos convertidos em reis e cavaleiros (GOES, 1991, p.116).

É frequente a presença de animais encantados nos contos de fadas, “ora como encarnação de homens, transformados em animais pela ação mágica de fadas e bruxas, ora como animais com atributos humanos, que servem para ajudar, perseguir, salvar ou julgar os homens” (SANTOS, 1971, p. 121).

As histórias são atemporais, apresentando verbos no pretérito imperfeito e clichês conhecidos como “Era uma vez...”; “Há muitos e muitos anos...”; “Manhã de verão...” Muitas vezes terminam com um final abrupto, devolvendo de repente o ouvinte para a realidade. Quase sempre supõe um êxito, um “final feliz”. Nos contos de fadas a realidade é dicotômica, marcha para a imposição do bem sobre o mal, instaurando uma ordem que deve ser inevitável (Zilberman, 1981).

Na leitura dos contos de fadas a palavra é mistério e também revelação. Ainda que, por vezes, se revele vazia, pode ser plena de sentidos, dependendo da forma como que é dita ou escrita, lida ou ouvida. Lida com metáforas criando um sentido poético para as expressões. Não há neutralidade, nem tão pouco inocência na linguagem simbólica e nas imagens ilustradas que constroem os enredos. É uma leitura que transmite uma mensagem estruturada num contexto ideológico, histórico, social e cultural e essas imagens e linguagens agem no imaginário infantil.

O desenvolvimento da pesquisa

Pesquisar e estudar as possibilidades de uma obra literária no imaginário da criança é revelador para analisar o trânsito entre o real e o imaginário na construção da identidade e na representação do ‘ser’ criança. Para tal pesquisa escolhemos o estudo de

caso por se desenvolver “numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (LUDKE, 1986, p. 10).

Trabalhamos com crianças da Creche Espaço Feliz⁵, localizada em um bairro periférico da cidade de Itabuna, gerenciada por uma entidade filantrópica de credo católico, conveniada com o poder público municipal que atende a crianças de 1 a 6 anos.

Para iniciar o trabalho, entrevistamos (Gráfico 1) as crianças de 5 e 6 anos com o objetivo de escolher os contos de fadas para realização do trabalho de leitura. Os selecionados foram: A Branca de Neve e os Sete Anões, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mal e os Três Porquinhos. Os livros faziam parte do acervo da biblioteca⁶ da escola. O trabalho foi desenvolvido durante dois meses, no ano de 2008.

A partir destes dados escolhemos trabalhar com a leitura dos seguintes contos de fadas: Branca de Neve e os Sete Anões, Cinderela e Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mal, os quais, de forma diferenciada, retratam o papel da mulher no contexto social, os aspectos da beleza, raça, da posição social etc., lançando mão do jogo simbólico, linguagem imagética e expressões artísticas (dramatização, reconto etc) para observar e analisar as representações com relação a construção da identidade e sentimento de pertencimento das crianças para analisar o sentido que as crianças atribuíam às referidas leituras dos contos face a situação do seu cotidiano/mundo (Jolibert, 1994; Freire, 1989).

Para analisar e compreender tais questões trabalhamos com a leitura de contos de fadas na versão dos irmãos Grimm os quais apresentam no ciclo de seu enredo: medo, luta, vitória, problema, busca da solução e solução.

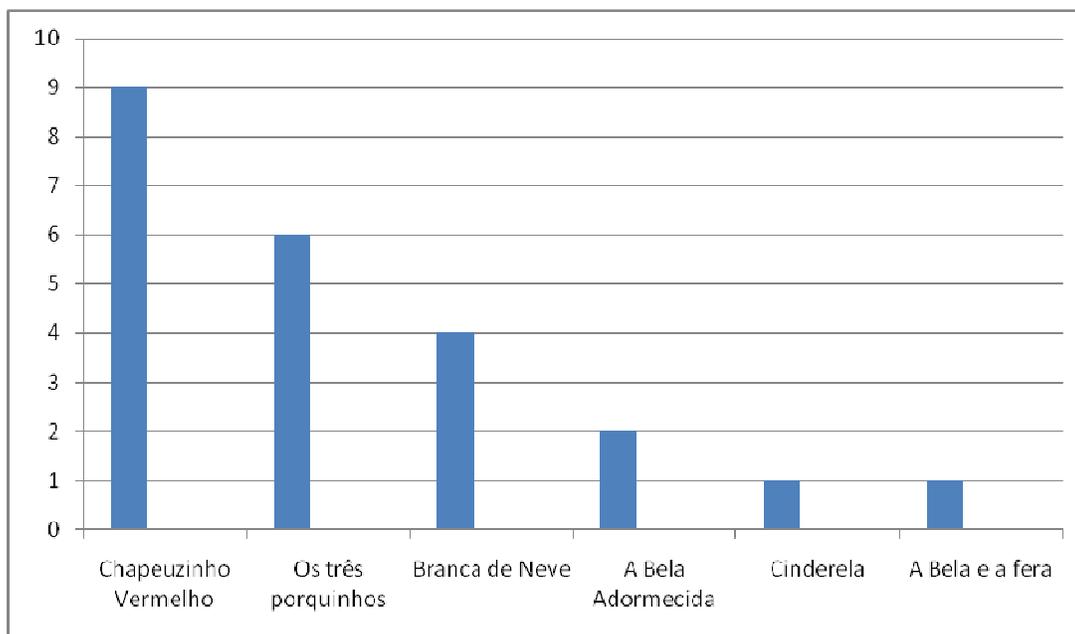


Gráfico 1 – Os contos de fadas que as crianças mais gostam

Fonte: Dados da entrevista com as crianças

⁵ O nome da Creche é fictício.

⁶ Um espaço chamado ‘Mundo Encantado da Leitura’.

Iniciamos o trabalho com a realização de **leitura**, tendo como objeto de estudo a leitura de contos de fadas na construção do imaginário da criança. Nesse instante, queríamos acompanhar e analisar o sentido da leitura para as crianças, como estimulava e alimentava seu imaginário (Jolibert, 1994).

A leitura aconteceu de diversas formas:

- a) leitura dos contos de fadas com o livro (a forma mais convencional da leitura);
- b) assistiram a filme. Para trabalhar Branca de Neve e os Sete Anões as crianças sugeriram que gostariam de assistir ao filme. Nesse momento, a leitura realizada foi das imagens, do som, da cor, movimento e da trama ali transmitida etc. O texto representado pela oralidade (o diálogo entre os personagens), imagem, som, cor, ruídos, movimento etc. representando o texto escrito. É a mixagem como nos fala Babin (1989);
- c) a leitura por meio do reconto - dramatização (ficava evidenciada a questão de gênero e da cor, principalmente o papel da Mulher). A partir da leitura do conto de fada pensavam a sua cor e a condição da mulher no contexto atual: beleza, posição social etc.

Quem conta um conto aumenta um ponto: A leitura dos contos de fadas e o imaginário infantil

Para as crianças é interessante e fascinante o mundo dos contos de fadas porque essas histórias apresentam de alguma forma, a solução para seus medos e sonhos, projetam seu mundo nos personagens e atuam na busca de solução aos seus problemas.

Bettelheim defende a leitura dos contos de fadas com um sentido e significado diferente de “qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais seu caráter” (1992, p. 32).

Quem será a Branca de Neve?

Ao ler os contos de fadas trabalhamos não apenas no plano prático, mas também no nível do pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico, simbólico e do mistério do imaginário e da fantasia. Como afirma LUTHI (citado por Zilberman), “a atração do conto de fada para criança reside, como afirmamos, além de outros aspectos na elaboração de um esboço compreensível da sociedade; isto é, a cada personagem é dado um papel definido em relação às outras, e sua posição é designada no contexto geral da organização social” (1987, p. 46).

Percebido como constitutivo do real, adquirindo assim naturalidade, ele possibilita uma ruptura com os constrangimentos espaços temporais de como os personagens podem assumir um caráter simbólico: príncipes e princesas são personagens de um simbolismo compreensível.

Iniciamos com a leitura e, em seguida, fomos para a área externa da creche, local em já estava organizado o espaço para a realização do trabalho com as crianças. Eram várias imagens de artistas e, a partir da orientação dada, as crianças escolhiam quais seriam os personagens da história que ouviram. Uma possibilidade de reconto da história a partir das imagens em que estava imerso os conceitos, principalmente, de posição social, beleza etc., e as representações do seu imaginário social.

Para representação e escolha dos personagens no desenvolvimento do nosso trabalho, as crianças observaram as imagens de vários artistas que foram selecionadas aleatoriamente e naquele momento estavam atuando filmes, propagandas e novelas que a população, na maioria das vezes, assiste. Assim, 90% das crianças escolherem⁷ a atriz Fernanda Vasconcelos para ser a Branca de Neve e Reinaldo Gianechini para ser o Príncipe. Podemos notar que o critério foi beleza e posição social.

As imagens escolhidas corresponderam as imagens presentes nos livros e no filme que assistiram, onde o padrão de beleza eurocêntrico e a posição social foram condições para a escolha dos personagens.

A fada, a princesa, a mocinha são sempre protótipos da raça ariana: cabelos longos e louros, olhos azuis, corpo esbelto, altura média, roupa imaculada etc. O mocinho e o príncipe são altos, corpulentos, fortes, elegantes, bem barbeados, sempre com o aspecto de quem acabou de sair do banho, mesmo depois de ter cavalgado dias a fio e enfrentado mil perigos de toda espécie e qualidade. (Abramovich, 1989).



Foto 1: Fotografada do cartaz construído pela turma.

È incrível como se confunde e até reforça nos contos de fadas o ético e o estético. Invariavelmente a bruxa, o gigante, a madrasta, os anões e outras personagens são os feios, monstruosos, grotescos ou deformados, fazendo com que o afastamento físico, a repulsa instintiva a reação da pele sejam o detonador do temor e do medo, e não ameaça emocional do que representam de fato para a criança. A final, a bruxa não é mostrada como um ser misterioso e enigmático que conhece e domina outros saberes, que pode até ser muito sedutora e atraente (por isso perigosa e ameaçadora).

As imagens que as crianças não haviam escolhido, em sua maioria, eram de pessoas negras. Ao apresentar as imagens, a pesquisadora questionava:

Pesquisadora: “Por que essa pessoa não pode ser a Branca de Neve”?

Marcos: “Porque ela tem o cabelo de bola”.

⁷ As crianças escolheram imagens de atores que estavam representando em novelas naquele momento.

Bianca: *“Porque ela é velha e feia*



Foto 3: Fotografada pela pesquisadora

Pesquisadora: *“Por que ele não pode ser o príncipe?”*



Foto 4: Fotografada pela professora referência da turma

Geisa: *“Porque ele é careca.”*

Pesquisadora: *“E este?”*



Foto 5: Fotografada pela professora referência da turma

Paula: *“Por que ele não é branco e tem essa cor ridícula”*

Bruno: “*Ele pode ser o caçador, olha o músculo dele.*”

A predominância do modelo de beleza branca européia nos contos de fadas, nos meios de comunicação e na vida social é fortalecida na escola que parece confirmar às crianças uma suposta superioridade do modelo humano branco (homem e mulher).

Foi possível vivenciar tal situação no momento em que convidamos as crianças para dramatizarem a história da Branca de Neve e os Sete Anões, todos ficaram muito felizes e eufóricos quando as fantasias foram disponibilizadas. Começaram a escolher os personagens:

Paula: “*Eu quero ser a Branca de Neve*”

Geisa: “*Eu também*”

Bianca: “*Eu quero ser a fada*”

Marcos: “*Eu o caçador*”

Duas meninas, Paula (branca) e Geisa (negra), queriam muito vivenciar o papel da Branca de Neve. Na disputa também estava uma coroa cheia de brilho. Consultamos as demais crianças sobre quem ficaria com o papel da Branca de Neve, que responderam quase que em coro:

Todas as crianças: “*Paula.*”

Pesquisadora: Por que Geisa não pode ser?

Rodrigo: “*Tem que ser branca.*”

Pedro: “*Geisa não é branca.*”

Rodrigo: “*Paula é branca e Geisa é preta*”

Marcos: “*Porque Geisa é feia.*”

Tais situações ajudam-nos a refletir sobre o sentimento de recusa e características raciais do grupo negro, a condição social da mulher (gênero), o padrão de beleza já presentes em crianças de 5 e 6 anos e fortalece o desejo de pertencer ao grupo branco, onde os papéis de príncipes, princesas, reis, rainhas e fadas são destinados apenas às pessoas com um padrão de beleza já estabelecido.

Histórias que podem parecer apenas um detalhe do cotidiano da educação infantil, mas são reveladores de uma prática que talvez possa prejudicar o processo de socialização de crianças negras, imprimindo-lhes estigmas indelévels. (Cavalleiro, 2005).

Para ilustrar o nosso trabalho e compreender o sentido que as crianças dão ao referido conto em relação ao seu cotidiano, propomos a realização de uma dramatização. Fazia parte das fantasias e adereços uma coroa. Em seguida, Paula foi eleita, pelos colegas, para representar a Branca de Neve. Mas quem usaria a coroa, a rainha ou a madrasta da Branca de Neve?. Geisa que vinha marcando a sua posição naquela sala de aula e nas discussões queria representar um papel, sua preferência era representar a Branca de Neve. Com a participação e opinião dos colegas ela representou a madrasta e ficou com a desejada coroa. Entre as escolhas, Marcos fez a opção de ser o caçador. Escolha que não foi questionada pelos colegas e ele assumiu o seu papel.

Na dramatização, percebemos que enquanto Paula, desinibida, interpretava seu papel, Geisa diante do espelho tinha dificuldade em olhar-se e dizer a mais célebre frase: “*Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?*”

Ao expressar a famosa frase, foi como se estivesse questionando sua própria beleza, confrontando assim o fato de ser, ou não ser uma criança bonita. Percebemos que Geisa

começava a construir significados caracterizadores de uma posição identitária, pois é diante do confronto entre os diferentes e nas diferenças que esses significados são construídos. As situações de intriga, inveja, segurança, insatisfação, desejo também estão presentes nas referidas leituras.

Outro fator questionado foi a cena que a Branca de Neve chega à casa dos Sete Anões e encontra tudo desarrumado. Subtende-se que no lugar que mora apenas homens reina a desordem. Convencionou-se que é tarefa da Mulher o papel de ‘arrumar’ a casa, colocar ordem. Na história, Branca de Neve assume este papel e assim também acontece na sociedade, no nosso cotidiano.

As representações das crianças estão interligadas ao imaginário social brasileiro, onde a identidade está intimamente ligada às idéias de trabalho braçal, inferioridade intelectual, atraso tecnológico, falta de desenvolvimento cultural, moral, ético e estético, a posição e beleza da mulher e, até mesmo, à ausência de desenvolvimento lingüístico em determinadas localidades. Algumas vezes manipulando as emoções e reações. (Araújo, 2006; Zilberman, 1978)

Olha o pezinho da Cinderela!

O segundo conto de fadas a ser lido foi o da Cinderela e a empolgação não foi diferente, pois a cada fala dos personagens as crianças ficavam atentas e cheias de expectativas.

Após a leitura, fizemos a proposta para as crianças procurarem na creche os pezinhos daquelas que poderiam ser a Cinderela e demais personagens da nossa história. Fotografamos os pés de crianças, professoras e demais funcionárias da instituição.

Fotografamos treze pés de pessoas que estavam na creche, sendo sete de pessoas brancas e seis de pessoas negras (homens e mulheres). Os sete pés de pessoas brancas foram eleitos pés da Cinderela. Entre os seis das pessoas negras, apenas um foi eleito como pé da Cinderela. Essa informação foi confirmada com a atividade realizada, onde estariam escolhendo as fotografias dos pés que poderiam representar a Cinderela, a madrasta, as irmãs da Cinderela, a fadas e o príncipe.

As crianças que escolheram os pés de pessoas negras para representar os personagens já estão vivenciando o processo de construção de sua identidade (raça, condição da mulher, beleza etc). Pudemos destacar nas atividades a postura persistente de Geisa em escolher sempre pessoas negras para representarem a Cinderela, o Príncipe e a Fada e uma pessoa branca para representar a Madrasta e as Irmãs “malvadas” de Cinderela, modificando os papéis dos personagens, por exemplo, Cinderela será representada por uma pessoa de cor negra etc. (Goes, 1991)

Acreditamos que Geisa esteja passando por um processo de construção e desconstrução da sua condição de mulher/menina, pois este processo identitário passa pela desconstrução das representações negativas construídas socialmente por meio da ideologia dominante. (Cavalleiro, 2005). O seu conflito e sua emoção são constantes e revelados nas diferentes situações escolares.

Enquanto Geisa está no processo de construção de uma identidade histórica, cultural e socialmente negada, outras crianças parece que ainda negam sua personalidade em contextos diversos.

Cada vez que nega sua identidade a criança recebe um reforço positivo da escola. E o contrário também é uma realidade. A escola sublinharmente “adestra” nosso comportamento e nossa personalidade cultural, étnica e emocional, reforçando os esquemas culturais e cognitivos já veiculados socialmente.

Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mal

A leitura de Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mal foi realizada e, em seguida, foi representada com fantoches. Entre os fantoches disponibilizados as crianças estariam escolhendo aquele que seria o lobo, a Chapeuzinho, a vovó, a mãe e o caçador. O fantoche negro foi escolhido para representar ora o papel de caçador ora de lobo e os demais fantoches brancos foram escolhidos para representar a Chapeuzinho Vermelho, a Vovó e a Mãe.

Mais uma vez, ficou evidente na escolha das crianças o conceito que ainda permeia o seu imaginário, onde a cor preta está associada ao mal, negativo e ruim. Além de evidenciar o espaço que é reservado às pessoas negras: trabalhos braçais, exigindo força física e pouco raciocínio.

A atividade realizada confirmou os dados das atividades anteriores dos contos de fadas: A Branca de Neve e a Cinderela, onde as pessoas brancas são escolhidas para representar os personagens bons, agradáveis e queridos (retrato de um padrão social considerado bonito e bom), e as pessoas negras, os personagens mal, que prejudicam e maltratam outras pessoas (Lufhi, citado por Zilberman, 1987).

A escolha das crianças vem retratar o que afirma SANTOS “o ser negro está atrelado a um lugar imposto: o lugar de inferioridade, de menos inteligente, de menos capaz, de violento, de tribal” (2001, p.99). E ao ser branco o lugar é sempre de superioridade, de inteligente, capaz, educado, agradável. Assim também está relacionada a condição da mulher.

Considerações finais

O eixo norteador deste trabalho teve como base a leitura e a relação entre os contos de fadas e o imaginário infantil na construção da identidade das crianças. No decorrer da pesquisa, foi possível compreender e analisar a presença e o uso das três funções da literatura que, segundo Cândido (1970), é psicológica, formadora e social, favorecendo também o aspecto fantástico, mágico, poético (Oliveira, 1998), no momento em que as crianças estavam ouvindo a leitura dos contos e representando situações que foram trabalhadas. Situações que foram reveladoras do imaginário infantil e dos conceitos que estavam sendo construídos em relação a sua identidade, o seu ser na escola e na sociedade (Araújo, 2006), indicando a sua realidade e a sua capacidade criativa para pensar em si e no outro, visualizando o que está nas entrelinhas do texto (Oliveira, 1998). A famosa pergunta “quem sou eu?” parece que já estava sendo traduzida de diversas maneiras nas representações. Entre os dilemas e os conflitos da sua identidade social e afetiva cada um já estava construindo o seu eu, situação que ficou representada por Geisa e outras tantas crianças no momento das discussões e representação de personagens dos contos de fadas.

Pudemos refletir sobre tal afirmação na dramatização do conto de fada Branca de Neve, quando Geisa diante do espelho não conseguia expressar a frase: “*Espelho, espelho meu existe alguém mais bonita do que eu*”. Parece que já havia interiorizado um rótulo determinado pelos colegas, de que era feia, e tinha o cabelo “ruim”. Como poderia expressar a tão magnífica frase se ela também já havia interiorizado o rótulo que lhe foi dado!

A socialização é evidenciada como essencial na formação do autoconceito das crianças, “que em sua acepção engloba a auto-estima e o sentimento da identidade, que resulta da percepção que temos de nós mesmos, advinda da percepção que temos de como os outros nos vêem” (Erikson citado por COUTINHO et al, 1993, p.128).

Tais nuances foram vivenciadas após a leitura de cada conto de fadas, momentos em que as crianças lançaram mão do jogo simbólico, as fantasias e imagens para expressarem sentimentos, valores e opiniões, estabelecendo relações entre o mundo dos contos de fadas e o mundo real, questionando o texto escrito (Jolibert, 1994; Freire, 1989), discutindo, re(construindo) conceitos sobre a condição da mulher, beleza, cor, vida etc.

Os contos de fadas, enquanto gênero literário afaga o coração, alenta os sentidos, e também trás reflexões significativas, pois oferece a oportunidade de sair do seu universo e perceber a existência de outras realidades/contextos. No entanto, para que este tipo de leitura ganhe espaço na escola não basta apenas didatizar é necessário problematizá-la para não torná-la empobrecida. “É preciso que as mensagens transmitidas pelos textos possam ser questionadas e os pontos de vista, confrontados para que os processos educativos e especialmente de socialização no contexto da educação infantil venham favorecer o crescimento e o enriquecimento mútuo dos sujeitos” (MELO, 2007, p.21).

Assim como Geisa, outras crianças também são impossibilitadas de representarem papéis como o da Branca de Neve, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho etc. Sem opções, representavam apenas personagens como a Madrasta, Bruxa e Anões. Muitas acreditavam que, realmente, esses são os personagens que podem representar.

A partir da pesquisa realizada tivemos a oportunidade de aprender que a literatura infantil e a leitura dos contos de fadas colocam em jogo não só o mundo a ser interiorizado pela criança, mas o seu lugar nesse mundo, o lugar de seu grupo social e, sobretudo, a sua própria existência, ampliando as oportunidades para desenvolver-se nos aspectos: criatividade, cultura, conhecimento de si e do mundo (Oliveira, 1998). Concordamos com Freire quando diz que o “importante, porém, ao renunciar à ‘inocência’⁸ e ao rejeitar a esperteza, é que, na nova caminhada que começa até os oprimidos, se desfça de todas as marcas autoritárias e comece, na verdade, a acreditar nas massas populares (1989, p.31). Alguns questionamentos fizeram-se presentes: será que Geisa estava perdendo a inocência, a magia do ser criança e a crença dos contos de fadas? Ou será que estava colocando em pauta que ela e tantas crianças são capazes, tem potencial e vão marcar o seu lugar no contexto social, independente da cor, da beleza e da condição de ser mulher?

É importante termos cuidado quando adentramos os espaços de Educação Infantil e trabalhamos com determinados gêneros literários - leituras, imagens e as atividades que desenvolvemos com estas crianças, pois, certamente, contribuem na construção da identidade, que como expressão de grupos e categorias sociais está indissociavelmente ligada ao processo de socialização. Não são simplesmente leituras; imprimem um sentido e um significado (Bettehlein, 1992) na vida social, afetiva e cognitiva.

Portanto, a leitura dos contos de fadas (obra literária e didático pedagógico) nos espaços de Educação Infantil e demais espaços educativos reflete sobre padrões, condição social, valores culturais impressos nas imagens e linguagens, além de buscar problematizar a condição de vida (beleza, situação do homem e da mulher) das crianças naquela sala de aula. Sendo assim, estudar, discutir e aprender, por meio da leitura e reescrita dos contos de fadas, a história do nosso povo (homem, mulher e criança) é uma valiosa oportunidade para conhecer as nossas crianças, o que pensam de si e do outro, do seu espaço social, a conexão entre a realidade e fantasia (irreal), as diferenças que se

⁸ Grifo do autor.

estabelecem entre as várias realidades, quando a fantasia já mais uma realidade, é o real tomando conta da fantasia apoiando-se no que vê e ouve, construindo conceitos e fazendo inferências, os quais serão utilizados em momentos oportunos. Assim, essa imagem criada da fantasia, do sonho, do imaginário, às vezes, fica ‘cristalizada’ e pode ser convertida em objeto, começando a existir realmente no mundo e a influenciar sobre os demais objetos e vivências (Vygotsky, 1992, citado por OLIVEIRA, 1998). Um encaminhamento para continuação deste estudo.

Por fim, é preciso contribuir na (re)construção de uma identidade desde a infância, pois sabemos que é um processo contínuo e dinâmico que acontecerá no decorrer da existência do sujeito permeando as dimensões cognitivas, sociais, afetivas, identitárias, culturais, religiosas etc..

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2ª. ed. São Paulo: Scipione, 1991, 174p.
- ARAÚJO, Filipe. WUENENBURGER, Jean-Jacques. **Educação e imaginário**; introdução a uma filosofia do imaginário educacional. São Paulo: Cortez, 2006. 116p.
- BABIN, Pierre e KOULOUMDJIAN, MARIE-FRANCE. **Os novos modos de compreender**: A geração audiovisual e do computador. Trad. Maria Cecília Oliveira Marques, São Paulo: Paulinas, 1989.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 366p.
- CANDIDO, Antonio: **Vários Escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970. 272p.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2005. 213p.
- COUTINHO, Maria Tereza da Cunha. MOREIRA, Mércia. **Psicologia da Educação**. Belo Horizonte MG: Lê, 2ª ed. 1993. 151 p.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23ª. Ed, São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989. 80p.
- GÓES, Lucia Pimentel. **Introdução a Literatura infantil e juvenil**. 2ª. ed. São Paulo: Pioneira, 1991, 189 p.
- GRIMM, Irmãos. “Chapeuzinho Vermelho”. In: TATAR, Maria (ed.). **Contos de fadas**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 30-36.
- JOLIBERT, Josette (org). **Formando crianças Leitoras**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 219p.
- LUDKE, Menga. ANDRÊ, Marli E. D. A. **A Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas, São Paulo: EPU, 1986, p.2-80.
- MELO, Rejane Oliveira de. **A Literatura na perspectiva de uma educação para inter/multiculturalidade**. Recife: Bagaço, 2007, 159p.
- OLIVEIRA, M. A. de. A literatura infantil e a interação participativa da criança com a obra. In: PENTEADO, H. D. **Pedagogia da Comunicação**: teorias e práticas. São Paulo: Cortez, 1998. P. 77-105.
- SANTOS, Isabel Aparecida. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e Anti-racismo na Educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001. 213p.
- SANTOS, Theobaldo Miranda. **O sonho, a criança e os contos de fadas**. São Paulo: Segran, 2002. 112 p.
- VYGOTSKY, L. S. **La imaginación y El arte em La infância**. Madrid: Akai, 1982.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global. 1987.
118p.